

A Batalha de Cuito Cuanavale

A estratégia atual da África do Sul é ocupar novas cidades no sul e sudeste de Angola, consideram fontes oficiais em Luanda. A eventual tomada de Cuito Cuanavale, ainda tentada, no final de janeiro, pelos homens de Pretória e da Unita, seria um primeiro passo para o alargamento da invasão ao resto da província de Kuando Kubango e Moxico, ambas no sudeste do país, e mesmo de Bié, no centro-sul. Os dirigentes angolanos não descartam também a possibilidade de os agressores tentarem ocupar alguma capital de província, naquelas regiões.

Até a conclusão desta edição, Cuito Cuanavale continuava em poder do exército governamental, apesar da enorme quantidade de meios humanos e materiais utilizados pela África do Sul no ataque (sete mil homens, canhões de tipo G-5, G-6, Valkiri e B-12, blindados Rattel, Bufalo e Sarracem, além de peças, mísseis e morteiros de calibres diversos). A aviação e as forças anti-aéreas angolanas desempenhavam papel decisivo na defesa da cidade.

Importância — A captura de Cuito Cuanavale foi, desde o primeiro momento, o objetivo imediato da invasão sul-africana, iniciada em setembro do ano passado. A importância da cidade resulta do fato de ser dali que o exército angolano lança suas ofer-



Cuito Cuanavale está a 300 km da Namíbia

sivas contra os redutos da Unita, na fronteira com a Namíbia. Existe também na localidade uma razoável pista de aviação.

Após mais de quatro meses de intensos combates, a África do Sul ainda não tinha conseguido tomar a pequena cidade, além de

ter sofrido consideráveis perdas, entre elas 40 aviões. O ataque iniciado em meados de janeiro deste ano constituía, portanto, mais uma tentativa, entre outras, de realizar esse objetivo.

Seja como for, mesmo que, hipoteticamente, Cuito Cuanavale caísse nas mãos dos invasores sul-africanos, estes pagariam um preço muito alto por isso. Ao mesmo tempo, a queda da cidade não significaria uma perda fatal para o governo angolano, pois, além de todas as principais cidades perto de Cuito Cuanavale estarem muito bem defendidas, Luanda, a capital do país, está a mais de mil quilômetros da região.

Conforme acham observadores militares ocidentais, os esforços da África do Sul para tomar a localidade fazem parte do jogo político-diplomático regional e seu objetivo evidente é dar mais peso à Unita.

EDITORIAL

Perspectivas sombrias

Ao começar um novo ano, nada indica que o regime de Pretória esteja disposto a cessar as suas agressões sistemáticas contra Angola. Pelo contrário, as informações mais recentes apontam no sentido de um agravamento da situação militar no país. As tropas sul-africanas, que em setembro último desencadearam mais uma invasão de grande envergadura contra o território angolano, ainda não se retiraram para as suas bases na Namíbia, contrariando a Resolução n.º 602 do Conselho de Segurança da ONU, a qual exigia que essa retirada fosse realizada até 10 de dezembro do ano passado. Desde 12 de janeiro, os invasores lançaram outro ataque poderoso contra a cidade estratégica de Cuito Cuanavale, no sudeste de Angola, com o objetivo de capturá-la.

A iniciativa do exército sul-africano ocorre às vésperas de mais uma rodada de conversações entre Angola e os Estados Unidos, prevista para o final de janeiro, em Luanda. Até agora, a Casa Branca tem funcionado como intermediária entre Angola e a

África do Sul graças à indesmentível boa vontade dos angolanos, pois é conhecida a hostilidade americana ao governo legítimo do presidente José Eduardo dos Santos: comprovam-no a solidariedade com a política agressiva de Pretória na África Austral e o apoio direto, político, moral, financeiro e militar, aos contra-revolucionários da Unita. A coincidência de mais um encontro entre angolanos e americanos com a atual tentativa de ocupação de Cuito Cuanavale pelas tropas sul-africanas carrega de expectativas sombrias as conversações de Luanda.

O ataque sul-africano a Angola esconde um claro propósito político: trata-se de criar um cenário, do ponto de vista militar, que permita impor a Unita, do antigo agente da Pide-DGS (a polícia secreta do salazarismo), Jonas Savimbi, como interlocutora válida no atual processo de negociações tendentes a regularizar a situação na África Austral. Alguns dirigentes angolanos imaginam mesmo, conforme declararam com exclusividade a este jornal, que essa cartada

será jogada pelos Estados Unidos nas discussões previstas para o fim do mês. Veja-se, portanto, como a tática de Pretória, no plano militar, se articula com a ação diplomática de Washington. Mas nada faz prever que Angola tenha planos de ceder a tais pressões.

Segundo analistas independentes, a administração Reagan vai jogar todas as fichas para tentar levar, até o fim do seu mandato, o governo angolano ao tapete. Afinal, ainda não foi cumprida uma das principais promessas eleitorais do presidente americano: tirar os cubanos de Angola. A melhor forma de consegui-lo seria, tal como têm dito várias vezes os próprios governantes de Angola e Cuba, contribuir para a eliminação dos fatores que justificam a presença de tropas cubanas em território angolano, mas a paranóia da Casa Branca contra a pequena ilha do Caribe a torna incapaz de qualquer racionalidade. Por isso, os angolanos estão preparados para um 88 ainda mais duro do que até aqui em termos militares.

Impressões de uma brasileira

O apego à terra, o interesse pelos problemas do país e a mobilização e resistência dos angolanos diante da situação de guerra foram as observações que mais marcaram a brasileira Rita Chaves, que regressou ao Rio no início de janeiro, depois de uma estada de mês e meio em Angola. Professora de Literaturas de Língua Portuguesa, ela esteve no referido país para realizar uma pesquisa sobre a ficção angolana, a fim de preparar a sua tese de doutoramento na USP. Estava acompanhada de outra professora da mesma disciplina, Tânia Macedo, que está preparando também uma tese de doutoramento sobre o tema.

Aproveitando a presença em Angola, as duas dirigiram um curso sobre Literatura Brasileira, promovido pela União dos Escritores Angolanos, em Luanda. O curso, que constou de seis palestras e descreveu a trajetória da literatura no Brasil, desde o romantismo até o chamado período pós-moderno, foi assistido por um público médio de 50 pessoas por dia. Rita e Tânia ficaram impressionadas com o interesse dos angolanos pela literatura brasileira e também pelo caráter diversificado do público (de escritores e estudantes até funcionários públicos e militares).

Literatura — As professoras entrevistaram os mais importantes escritores angolanos, cujos depoimentos totalizam, segundo Rita Chaves, 25 horas de gravação, além dos contatos informais. Mas, para poderem concluir suas teses será preciso estudar documentos sobre a literatura do país e que estão espalhados principalmente em Angola, Portugal e, mais escassamente, Brasil.

Rita fez questão de destacar os encontros que elas tiveram com os estudantes do Instituto Superior de Ciências de Educação e também com o escritor Boaventura Cardoso, atual secretário de Estado da Cultura do governo angolano. No primeiro, foi abordada a questão dos estudos sobre literatura de Angola nas universidades brasileiras (ainda muito disperso e incipiente, apesar do crescente interesse de docentes e alunos, na opinião dela), enquanto no segundo foi discutida a necessidade de os países africanos de língua oficial portuguesa ajudarem nos esforços para implantar uma cadeira de Literaturas Africanas, com caráter obrigatório, nas universidades do Brasil.

A posição dos escritores na sociedade angolana foi outro aspecto que mais marcou



Luanda, a capital de Angola, tem mais de um milhão de habitantes e está na mesma latitude de Recife

as duas intelectuais brasileiras. Rita Chaves disse que lhe pareceu “muito evidente” o prestígio social e institucional dos escritores em Angola. “Há também uma paixão da sociedade pela literatura”, observou. Segundo ela, os livros, “baratos e bem feitos”, esgotam-se rapidamente. A professora contou, a propósito, o que se passou com uma feira do livro português durante a estada delas em Luanda: prevista para dez dias, durou apenas dois, pois os livros esgotaram-se logo.

Guerra — As professoras brasileiras estiveram na cidade de Lubango, a poucas centenas de quilômetros da frente de combate contra os sul-africanos, no sul. Mas Rita não viu muitos sinais da guerra. Para ela, a guerra está mais presente em Luanda, a capital, por intermédio de alguns dos seus principais sintomas: um reconhecido desgaste físico da cidade, grande explosão populacional, a presença de mutilados nas ruas e, sobretudo, a cobertura da mídia aos combates que se travam nas distantes regiões do sul e sudeste do país.

Entretanto, Rita Chaves reconhece que os angolanos aprenderam a conviver com o fenômeno da guerra. “As pessoas esforçam-se para levar uma vida normal, apesar das dificuldades impostas pela guerra.” Ela ficou impressionada com a disposição para dançar que existe em Angola. “A dança é uma forma de resistência”, notou. Conforme sublinhou, esse estado de espírito não se pode confundir com alienação, pois a preocupação da população pela guerra e por todos os problemas do país “é notória”. Rita atribui isso ao trabalho político do MPLA, que considerou “perfeito”.

A professora veio apaixonada por Luanda. “É uma cidade extremamente bonita”, disse. Depois de ter destacado as semelhanças da capital de Angola com o Rio de Janeiro e Salvador, acrescentou que são visíveis os efeitos da guerra sobre a cidade, mas que, “depois de se aprender a conhecê-la, a atração é fatal”. Entretanto, a ida a Lubango, uma cidade totalmente diferente, “parecida com Minas”, a fez entender que “Angola não é só Luanda”.

ANGOP

AGÊNCIA ANGOLA PRESS

Diretor Geral:
Julio Guerra

Diretor de Informação:
Avelino Miguel
Diretor Técnico:
José Abreu de Oliveira

Sede Central
Rua Rei Katyavala, n.º 120

Telefone: 334-593
Telex: 4160 ANGOP
AN — Luanda
República Popular de Angola

Sucursais Brasil
Diretor:
Anibal João Melo
Diretor Adjunto:
Felisberto Costa Filho
Endereço:
Rua Álvaro Alvim,

31/501, CEP 20031,
Centro, Rio de Janeiro
Telefone:
(021) 220-9439
Telex: (021) 32462
ANBL BR

Portugal (Lisboa)
Diretor:
Nazareth Van-Dunem
Telefone: 533-704
Telex: 42758 ANGOPP

Grã-Bretanha (Londres)
Diretor:
Élio Gamboa
Telefone: 493-1611
Telex: 295813 ANGOP G

Correspondentes:
António Santana, (Harare),
Conceição Luanda (Berlim),
Filipe Muakasso (Praga), José
Chimuco (Havana), José
Wolo Kossi (Brazzaville),
Vasco Correia (Moscou)

ANGOLANA
ATUALIDADE

Editor: Anibal João Melo
Redação: Carlos Augusto de Oliveira Lima e
Felisberto Costa Filho
Pesquisa: João Belizário
Diagramação: Fabio Dupin
Arte-Final: Fernando de Oliveira
Composição e Impressão:
Editora Lidador Ltda.

A economia no rumo certo

O programa de saneamento econômico e financeiro, conhecido pela sigla SEF, foi considerado "um passo importante na direção correta da economia". A avaliação foi feita por uma missão técnica conjunta do Banco Mundial e do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), que esteve em Angola durante 30 dias, com o objetivo de realizar um estudo sobre a economia do país.

A missão, composta por 17 especialistas ligados às áreas da agricultura, indústria, transportes, recursos humanos, questões institucionais, empresas estatais e privadas e assuntos de desenvolvimento regional, teve contatos com as principais autoridades angolanas do setor econômico e com os economistas responsáveis pela elaboração do SEF.

Além disso, visitou as províncias angolanas de maior potencial industrial e agrícola, entre elas a de Benguela, onde se integrou dos planos para reabilitar a ferrovia da região, uma das mais importantes vias de escoamento de toda a África Austral.

Investimentos — Grande parte da legislação que, a partir de janeiro, passa a regulamentar a aplicação do SEF já está terminada. Destacam-se a Lei de Investimentos Estrangeiros e a Lei das Empresas Estatais. Enquanto a primeira tem por meta atrair o máximo de investimentos para os setores prioritários, como a pesca e agropecuária e, principalmente, a indústria mineira, a segunda visa possibilitar que empresas angolanas se associem a empresas estrangeiras.

Atualmente, a presença de capitais estrangeiros é mais significativa no domínio do petróleo. O economista angolano Mário Nelson, em depoimento à revista internacional *Cadernos do Terceiro Mundo*, atri-



A pesca é um setor econômico prioritário

buiu isso ao fato de nessa área o país contar com maior estrutura de quadros, o que permitiu fechar acordos com os estrangeiros. Em outros setores, disse Nelson, a falta de quadros impediu que chegassem a bom termo muitos dos entendimentos iniciados.

Por isso, vai ser criado, no âmbito da aplicação do SEF, um Gabinete de Investimento Estrangeiro, entidade que terá a missão de procurar sócios estrangeiros. Caberá a esse órgão promover os investimentos, enquadrar o investidor externo na política econômica do país, ajudar a busca de financiamentos, bem como preparar o pessoal qualificado para realizar essa gama de tarefas. Isso permitirá a diminuição dos

custos de negociação, o aumento da rentabilidade dos investimentos externos, maior capacidade negociadora, formação de quadros e uma melhor articulação entre os organismos contratantes.

Entretanto, continuará a ser competência do Conselho de Ministros a aprovação dos investimentos estrangeiros, assim como a determinação das áreas onde eles poderão ser realizados. A idéia é praticar uma política bastante aberta, salvaguardando apenas os setores fundamentais, como finanças, bancos, comércio exterior, saúde, educação e outros serviços. Como disse Mário Nelson, "o importante é fazer o devido controle da remessa dos lucros".

Angola - EUA: entendimento difícil

Depois de se terem reunido três vezes em 1987, aparentemente sem sucesso, representantes de Angola e dos Estados Unidos vão encontrar-se no final de janeiro em Luanda, para tentar, finalmente, alcançar uma plataforma comum em relação aos problemas da África Austral. O atual impasse das conversações gira em torno da chamada "questão cubana": os americanos querem que as tropas cubanas saiam de Angola em apenas um ano, sem oferecer garantias claras de que terminariam as agressões sul-africanas contra o território angolano, enquanto o governo do presidente José Eduardo dos Santos propõe que essa retirada seja completada em dois anos, desde que, previamente, os invasores sul-africanos abandonem o país, a Namíbia seja independente e a África do Sul e os Estados Unidos suspendam o apoio aos terroristas da Unita.

Para alguns dirigentes angolanos, a redução do prazo da retirada cubana de dois para um ano não passa de uma manobra dilatória da Casa Branca. Mesmo que Angola concordasse com o prazo exigido por Washington, dizem esses dirigentes, a

administração Reagan apresentaria em seguida outra reivindicação: a inclusão da Unita nas discussões sobre a África Austral. Esse é o tipo de posição considerada inaceitável pelos angolanos. Por conseguinte, é no meio de um clima de pessimismo que representantes dos dois governos se preparam para voltar a discutir.

Antecedentes — Esse pessimismo tem antecedentes bem concretos. Ao lado da África do Sul, os Estados Unidos são um dos poucos países que se negam, até agora, a ter relações diplomáticas com o governo legítimo de Angola. O pretexto usado para justificar essa atitude é a presença cubana em território angolano, o que não é endossado sequer pelos principais aliados dos Estados Unidos. Diferentemente dos americanos, os europeus, por exemplo, reconhecem que as tropas cubanas estão em Angola para ajudar o país a defender-se dos ataques de Pretória. Essa é também a posição unânime das mais representativas organizações internacionais, como a ONU, a OUA e o Movimento dos Não-Alinhados.

Desde a subida de Ronald Reagan ao poder, em 1980, o apoio dos Estados Unidos à política militarista da África do Sul e aos contra-revolucionários da Unita tem aumentado de maneira notória e substancial. Jonas Savimbi, o chefe terrorista angolano, foi recebido na Casa Branca quase como chefe de Estado. Homens que se dedicam ao massacre de populações, ataques a aldeias indefesas e bombardeios de aviões civis, além de ameaçar os próprios interesses econômicos americanos em Angola, são chamados por Reagan de "combatentes da liberdade".

Neste contexto, os analistas são claros: enquanto não mudar a política dos Estados Unidos em relação a Angola, dificilmente haverá um entendimento na região. Como declarou o presidente José Eduardo dos Santos, "não é lógico que a administração norte-americana exija a retirada das forças cubanas de Angola, quando o exército sul-africano está a ocupar parcelas do nosso país e tem a pretensão de alargar ainda mais a faixa ocupada".

POLÍTICA

Reformulação — O presidente José Eduardo dos Santos exonerou, em dezembro passado, Maria Mambo Café do cargo de ministro de Estado (uma espécie de vice-primeiro ministro) para a Esfera Econômico-Social. Até ser nomeado um substituto, Eduardo dos Santos vai dirigir pessoalmente o órgão. O presidente angolano exonerou, no

mesmo mês, os dois vice-ministros do Comércio Externo: Abílio Gomes e António João dos Santos. Por outro lado, nomeou Paulo Kizembe para comissário provincial adjunto (vice-governador) do Uige, no norte do país, e Herminio Escórcio, ex-diretor da empresa petrolífera nacional, para o cargo de embaixador na Alemanha Ocidental.

GUERRA

Soares — O presidente português, Mário Soares, considerou "inadmissível" a invasão de Angola pela África do Sul. Ele disse textualmente: "Não se pode permitir que a África do Sul ataque um país soberano e, ainda por cima, após o ataque, mantenha as suas tropas nesse território." As declarações de Soares, produzidas em Madri no final de dezembro último, tiveram grande repercussão na imprensa portuguesa, pois é a primeira vez que ele condena tão vigorosamente as agressões de Pretória contra Angola.

Americano — O jornalista americano Stan West declarou não ter visto qualquer soldado cubano ou soviético nas linhas mais avançadas de combate do exército angolano contra as tropas da África do Sul. Membro da Aliança Nacional dos Estados Unidos dos Jornalistas do Terceiro Mundo, West esteve em Angola em dezembro, tendo visitado as linhas de defesa do exército, no sul do país, onde realizou reportagens para a televisão e jornais de São Francisco.

COOPERAÇÃO

URSS — Angola e União Soviética vão ser sócias em projetos de exploração de diamantes e quartzo naquele país africano. Essa é uma das cláusulas do acordo de cooperação no domínio da geologia e minas assinado em dezembro. Segundo o acordo, a parte soviética vai colaborar com entidades angolanas na pesquisa de águas subterrâneas, com o objetivo de melhorar os níveis de abastecimento dos grandes centros urbanos do país. A União Soviética vai editar ainda o mapa geológico de Angola, considerado de extrema impor-

tância para a indústria mineira angolana.

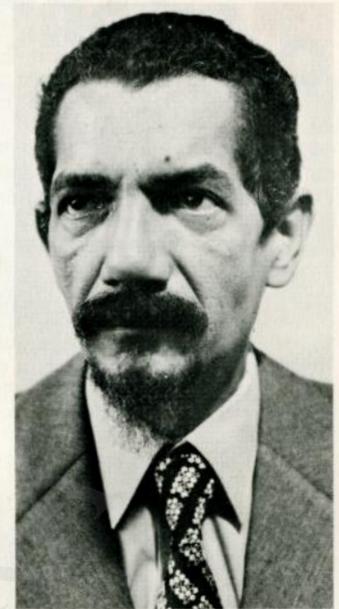
Itália — Os investimentos italianos em Angola atingirão, até 1990, perto de 400 milhões de dólares. A revelação foi feita em Luanda, durante a sexta sessão da Comissão Mista entre os dois países, realizada no mês passado. Durante três dias, foram discutidos projetos como o do saneamento básico da cidade de Luanda, de estocagem de combustíveis no porto do Lobito e outros nas áreas de agricultura, pesca, construção, indústria, transportes e comunicações.

DIPLOMACIA

Brasil — A situação na África Austral e a cooperação bilateral foram os principais temas tratados pelo presidente de Angola, José Eduardo dos Santos, na mensagem ao seu colega brasileiro, José Sarney, entregue em Brasília no mês passado, pelo ministro angolano do Planeamento, António Henriques. O dirigente angolano teve também um encontro com o ministro das Relações Exteriores, Abreu Sodré.

Cimeira — O ministro angolano do Interior, Alexandre Rodrigues Kito, assistiu, de 10 a 12 de dezembro, em Paris, à Cimeira Franco-Africana. Durante a estada na capital francesa, Kito reuniu-se com várias delegações africanas, notadamente a do Zaire, com quem discutiu aspectos ligados à segurança na fronteira comum entre os dois países. Angola tem participado nos últimos anos da Cimeira Franco-Africana, na qualidade de país observador.

Nigéria — O governo nigeriano reafirmou o seu tradicional apoio às posições de Angola sobre o conflito na África Austral. Em encontro realizado no princípio de dezembro, em Adis-Abeba, o vice-almirante Augushu Aikhomu, que chefiava a delegação da Nigéria numa reunião da Organização da Unidade Africana, assegurou ao vice-ministro angolano das Relações Exteriores, Venâncio de Moura: "A nossa política em relação à África Austral e em particular a Angola será sempre a mesma." Na semana anterior, o governo nigeriano tinha-se oferecido para mediar eventuais negociações entre Angola e a União, o que surpreendeu os observadores, pois Lagos sempre man-



Lúcio Lara

teve distância do grupo de Savimbi, por causa da dependência deste em relação ao *apartheid*.

Parlamentares — Uma delegação de deputados angolanos chefiada pelo primeiro-secretário da Assembleia do Povo (Parlamento), Lúcio Lara, visitou a Alemanha Ocidental, em dezembro, durante cinco dias. Os deputados, que foram convidados pelo Grupo Interparlamentar de Solidariedade com Angola, do Congresso alemão, estiveram reunidos com o ministro dos Negócios Estrangeiros, Hans-Dietrich Genscher, o presidente do Partido Social-Democrata, Hans Jochen Vogel, o secretário de Estado para a Cooperação Económica, Volkmar Koehler, e com parlamentares de vários partidos. Além de Bonn, visitaram também Berlim Ocidental e Dusseldorf.

ANGOLA, TERRA DA LIBERDADE



TAAG

LINHAS AÉREAS DE ANGOLA
A Serviço da Reconstrução Nacional

TAAG — Av. Presidente Vargas 542/1603
Telefones: 263-9711, 263-4988 e 263-4911
Telefones no Aeroporto Internacional: 398-3112 e 398-3113